

Katja Petrowskaja

# Talvez Esther

Histórias

Tradução de Telma Costa

## Graças ao Google



TERIA PREFERIDO, deveria não começar a minha viagem aqui, neste ermo da estação que continua a mostrar a devastação desta cidade, uma cidade que no decurso dos ataques a caminho da vitória foi bombardeada e reduzida a escombros, em retaliação, segundo me parecia, pois foi daqui que partiu uma interminável *Blitzkrieg* em rodas de aço e asas de aço para ir causar milhares de ruínas por toda a parte. Já foi há muito tempo que esta cidade se transformou numa das mais tranquilas do mundo e esta tranquilidade funciona quase agressivamente, como uma forma da memória da guerra.

A estação foi construída há pouco no centro desta cidade e, apesar da tranquilidade, era uma estação inóspita, era como se personificasse todos os que se perderam e que não vão embarcar em nenhum comboio, um dos lugares mais inóspitos da nossa Europa ligada de lés a lés e no entanto tão cheia de fronteiras, um lugar onde há sempre correntes de ar, onde a vista se abre para um deserto e sem que haja oportunidade de nos embrenharmos no tecido urbano para descansar um pouco antes de seguir viagem dali, daquele vazio no meio da cidade incapaz de obedecer a um ordenamento, sem qualquer construção de dimensões generosas e sem propósito algum.

Havia correntes de ar também desta vez, quando eu estava na plataforma e de novo apreciava com o olhar, avaliava os contornos da grande tabuleta «Bombardier Bem-Vindo a Berlim» por baixo dos arcos do teto abobadado, entediada, mas de novo espantada com a falta de delicadeza daquelas boas-vindas. E havia-as quando um senhor de idade se aproximou de mim e me perguntou: – Bombardier?

Pensa-se logo em bombas, disse ele, em artilharia, nesta maldita guerra incompreensível, e porque há de Berlim saudar deste modo, esta cidade bela, pacífica, bombardeada, tanto quanto ele sabia não podia ser verdade que Berlim, por assim dizer, o bombardeasse com tais palavras em maiúsculas, e o que quer aqui dizer Bem-Vindos, quem vai ser bombardeado e com quê. Ele procurava urgentemente um esclarecimento, pois partiria logo a seguir. Respondi-lhe, algo surpreendida por a minha voz interior me interpelar sob a forma de um homem idoso de olhos negros e sotaque americano que, sem fôlego e cada vez mais excitado, me atirava perguntas quase sem se poder conter, perguntas que eu fizera centenas de vezes a mim própria, *play it again*, pensei eu a afundar-me mais nestas perguntas, neste alcance das perguntas feitas na plataforma da estação, e respondi que também eu pensava imediatamente na guerra, não era da idade, eu também estou sempre a pensar na guerra, em particular ali, naquela estação de escala que não é um terminal, nada de preocupante, estamos sempre a viajar, pensei eu, e que ele não era o primeiro a fazer a pergunta, eu também a faço. Venho aqui muitas vezes, pensei logo, talvez seja uma стрелочник, *strelotchnik*, uma agulheira, e a culpa é sempre do agulheiro, mas só na Rússia, pensava eu enquanto o homem dizia: *my name is Samuel, Sam*.

Contei-lhe então que *Bombardier* é um musical francês que está em cena em Berlim com sucesso, vem muita gente a esta

cidade, imagine-se, só por causa de *Bombardier*, é a Comuna de Paris ou qualquer coisa desse tempo, duas noites num hotel mais o musical, tudo incluído a partir de hoje, e que já tinha havido problemas, pois na estação central está anunciado *Bombardier*, só esta palavra, sem comentários, já tinha vindo no jornal, disse eu, lembro-me, disse eu, ali parada, a palavra induz associações falsas, até chegou a tribunal, um diferendo entre a cidade e o musical, consultaram linguistas, imagine, para avaliarem o potencial de violência da palavra, e o tribunal decidiu a favor da liberdade de expressão. Acreditava cada vez mais nas minhas palavras, embora não fizesse ideia do significado daquele *Bombardier* na abóbada da estação e ao que vinha, mas o que tão inspirada e despreocupadamente contava e que em caso algum consideraria mentira inspirava-me e fui por ali adiante sem o mínimo receio, fui-me embrenhando nas curvas dessa sentença nunca proferida, pois quem não mente não voa.

Para onde vai?, perguntou-me o velhote, e eu contei-lhe tudo sem hesitar um segundo, com o mesmo ímpeto com que teria condenado o próximo musical, contei-lhe da cidade polaca de onde há cem anos a minha família partiu para Varsóvia e daí mais para leste, talvez só para me legar a língua russa que eu atualmente não tenho a generosidade de oferecer a ninguém, *dead end*, portanto, e alto, é por isso que tenho de viajar, contei-lhe, até lá, até uma das mais antigas cidades da Polónia onde eles, os antepassados de que não se sabe realmente nada, viveram durante dois, três ou quatro séculos, talvez desde o século XV, quando foram dadas aos judeus desta pequena cidade polaca garantias para serem vizinhos e outras coisas. *And you?*, perguntou Sam, e eu disse eu por acaso até sou um bocado judia.

Nós também esperamos esse comboio, disse Sam após uma curta pausa, também vamos no Expresso de Varsóvia. Nesse comboio, que parecia um puro-sangue agora que vinha a sair da

neblina, um comboio expresso que na verdade, e segundo o horário, se desloca contra o tempo, no tempo de Bombardier, *for us only*, pensei eu, e o velho continuou, a sua mulher procurava o mesmo, o mundo, mais exatamente o da sua avó que que tinha ido para os EUA de uma pequena aldeia bielorrussa junto a Biała Podlaska, que no entanto não era a sua terra natal, nem a da sua mulher, já foi há cem anos e muitas gerações, e a língua, também já não a sabiam, mas Biała Podlaska soava-lhe como uma canção de embalar esquecida, sabe Deus porquê, uma chave para o coração, disse ele, e a aldeia chama-se Janów Podlaski, e lá terão vivido quase só judeus e só agora outros, e eles os dois viajariam agora para lá, ver aquilo, e mesmo, de facto ele dizia *e* constantemente, que tropeçasse num impedimento, que naturalmente nada restasse por lá, disse *naturalmente e nada* para assinalar o absurdo da viagem, também digo muitas vezes naturalmente, ou então normalmente, como se este desaparecimento ou este nada fossem naturais ou normais. A paisagem, porém, os nomes dos lugares e uma quinta de criação de cavalos árabes que já existia desde o princípio do século XIX, fundada após as guerras napoleónicas, lugar de eleição para os círculos da especialidade, estava lá tudo, contaram-me eles que tinham tudo googlado. Um cavalo desses poderia custar um bom milhão de dólares, Mick Jagger já se tinha interessado por eles num leilão, o seu baterista tinha comprado três e agora eles iam até lá, a cinco quilómetros da fronteira bielorrussa, graças ao Google. Até um cemitério de cavalos contava encontrar lá, não, o cemitério judeu não estava preservado, isso também vinha na internet.

*I'm a Jew from Teheran*, disse o velho, estávamos nós ainda no cais da estação, Samuel é o meu novo nome. Fui de Teerão para Nova Iorque, disse Sam, sabia aramaico, tinha estudado muito e andava sempre com o seu violino. Nos EUA devia ter estudado

física nuclear, mas matriculou-se no Conservatório, chumbou no exame de acesso e por isso tornou-se bancário e já nem isso era. Mesmo ao fim de cinquenta anos, disse a mulher dele quando já nos sentávamos no comboio e o arco-íris *Bombardier Bem-Vindos a Berlim* já não nos pesava na cabeça, disse a mulher dele, tanto faz ser Brahms, Vivaldi ou Bach, quando toca soa sempre a iraniano. E ele disse, foi o destino que quis que nos encontrássemos, eu era parecida com as mulheres iranianas da infância dele, terá querido dizer com as mães iranianas, talvez mesmo *com a minha mãe*, mas conteve-se e prosseguiu, que também era obra do destino eu ser mais versada em genealogia do que eles e estar de viagem para a Polónia com o mesmo objetivo e no mesmo comboio – isso no caso de o impulso para procurar desaparecidos se poder definir como objetivo, retorqui. E não, não é o destino, disse eu, pois o Google vela por nós como Deus e quando procuramos alguma coisa ele dá-nos o lamiré sobre ela, tal como se comprarmos uma impressora pela internet nos oferecem impressoras durante muito tempo e se compramos uma mochila para a escola aturamos durante anos o anúncio a mochilas, na busca de amigos nem se fala, e quando nos googlamos a nós próprios acabam por desaparecer até os homónimos e fica *only you*, como se, caso alguém torcesse um pé e ficasse a coxear, de repente toda a cidade coxeasse, talvez por solidariedade, milhões de coxos, formam um grupo, quase uma maioria, como há de a democracia funcionar se só encontrarmos o que já procurámos, e quando isso somos nós, para não nos sentirmos sozinhos, aí não temos qualquer hipótese de conhecer os outros, é o mesmo com a busca em que deparamos com opiniões iguais às nossas, é Deus a googlar-nos o caminho para não sairmos da linha, eu estou sempre a encontrar pessoas que procuram o mesmo que eu, disse eu, e por isso é que nos encontramos aqui, e o velho disse, é precisamente isso o destino. Em exegese ia claramente mais longe do que eu.

\*\*\*

De repente lembrei-me do musical, que na verdade fez aqui furor há alguns anos e na altura via-se nos painéis publicitários da cidade as palavras *Les Misérables* sem comentários, ao contrário do filme do mesmo nome que evocava os pobres *Prisioneiros do Destino*. O musical falava só de *Les Misérables* como se devessemos ser regularmente consolados – Ah, coitado! – ou então alertados para o facto de não só cada um de nós, mas todos, nos encontrarmos no infortúnio, unidos no infortúnio, pois à vista dessas letras gigantescas, à vista deste ermo no meio da cidade, somos todos infelizes, não são só os outros, nós também. Portanto, as letras de Bombardier na abóbada da estação enchem-nos do seu estrondo, tal como a música de órgão enche a igreja, e não se lhe pode fugir.

E aí googlei a sério: Bombardier era uma das maiores empresas ferroviárias e aeroespaciais do mundo e essa tal Bombardier que nos traça o caminho lançara recentemente a campanha *Bombardier YourCity*. Rápido e seguro. Tomámos então o Expresso de Varsóvia de Berlim para a Polónia, com a bênção de Bombardier, rodeados de cortinas e guardanapos com a marca WARS<sup>1</sup> impressa, uma abreviatura tão obsoleta e passada como Star Wars e outras guerras do futuro.

---

<sup>1</sup> Empresa de *catering* sediada na Polónia. (N. da T.)



Capítulo 1

# Uma história exemplar



## Árvore da família

*Um pinheiro ergue-se solitário.*

Heinrich Heine

A PRINCÍPIO, eu pensava que uma árvore da família era como uma árvore de Natal, uma árvore com enfeites tirados de velhas caixas, umas bolas que se partem de frágeis que são, uns anjos feios e robustos que sobrevivem a todas as mudanças de casa. Ou seja, a única árvore da família era uma árvore de Natal, comprava-se uma nova todos os Natais e depois deitávamo-la fora na véspera dos meus anos.

Pensava que bastava contar um par de pessoas, que por acaso eram meus parentes, e já se tinha todo o século XX no bolso. Alguns dos membros da minha família nasceram para exercerem os seus ofícios às claras, mas nunca exprimiram a convicção de que iriam consertar o mundo. Outros como que caíram do céu, nunca criaram raízes, andavam de um lado para o outro quase sem tocar no chão, pairavam no ar como uma pergunta, como um paraquedista pendurado de uma árvore. Na minha família havia de tudo, tinha eu a pretensão de pensar, um lavrador, muitos professores, um *provocateur*, um físico e um poeta, mas acima de tudo havia lendas.

Havia

um revolucionário que foi para os bolcheviques e na clandestinidade mudou de nome para o que agora usamos há quase cem anos, inteiramente legal

\*\*\*

vários trabalhadores numa fábrica de sapatos em Odessa, de quem quase nada se sabe

um físico que dirigia uma central experimental de turbinas em Cracóvia e que desapareceu durante as purgas; o seu cunhado foi encarregado de pronunciar a sentença que lhe coube, pois a lealdade ao Partido exige a cada um o sacrifício dos seus

um herói de guerra chamado Gertrud, marido da minha tia Lida, nascido quando o país declarou o trabalho um fim em si, primeiro todos trabalhavam muito, depois demais e a seguir ainda mais, pois os modelos substituíam as normas, o trabalho confere sentido a uma nação de proletários e super-homens, e o caso é que o meu futuro tio que recebeu ao nascer o nome Geroi se tornou truda, herói do trabalho, abreviado para Gertrud

e ainda Arnold, Oziel, Zygmunt, Mischa, Maria, Talvez Esther, talvez uma segunda Esther e a Sra. Siskind, aluna surda-muda de Oziel que costurava vestidos para toda a cidade

muitos professores que fundaram orfanatos em toda a Europa e ensinavam crianças surdas-mudas

Anna e Liolia, que jazem em Babi Iar, e todos os outros de lá

um fantasma chamado Judas Stern, meu tio-avô

um pavão que os meus avós compraram para as crianças surdas-mudas, por causa da sua beleza

\*\*\*

uma Rosa e uma Margarita, as flores minhas antepassadas

Margarita foi recomendada para membro do Partido, em 1923, diretamente por Molotov, o futuro ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, conta-se, como a indicar que nós estamos sempre no centro dos acontecimentos

a minha avó Rosa, de todas as terapeutas da fala a que tinha o nome mais lindo, esperou pelo seu marido mais tempo do que Penélope

o meu avô Vassili que foi para a guerra e só 41 anos mais tarde voltou para a minha avó Rosa. Ela nunca lhe perdoou a longa errância, mas – entre nós há sempre alguém que diz mas – mas, disse esse alguém, beijaram-se no quiosque junto ao metro, ambos já com mais de setenta anos, o Hotel Tourist acabava de ser construído, mas o avô, disse a minha mãe, nessa altura já não podia sair de casa e o Hotel Tourist foi construído mais tarde

o meu outro avô, o revolucionário, que não tinha mudado só o seu nome, também dava à sua mãe um novo nome em todos os questionários soviéticos, conforme os requisitos do momento, do trabalho e das suas preferências literárias, ao ponto de lhe chamar Anna Arkadievna, o nome de Anna Karenina que assim se tornou, portanto, minha avó

Éramos felizes e tudo em mim contrariava a frase que nos legou Lev Tolstói, que as famílias felizes são todas iguais na sua felicidade e só as infelizes são únicas, uma frase que nos fechou na

armadilha e despertou a ladeira para a infelicidade, como se só valesse a parte que fala da infelicidade e a da felicidade estivesse vazia.

## Números negativos

O meu irmão mais velho ensinou-me os números negativos, falou-me de buracos negros, como iniciação a um *modus vivendi*. Criou para si um universo paralelo onde estivesse para sempre inatingível, eu fiquei com os números negativos. A única prima de cuja existência então sabia, ainda a via menos do que à sua mãe, Lida, irmã mais velha da minha mãe. O meu severo tio, o irmão mais velho do meu pai, dava-me, nas suas raras visitas, problemas de física sobre o tema do *perpetuum mobile*, como se o movimento incessante da sua ausência das nossas vidas ficasse assim a coberto. As minhas duas *babuchkas* viviam connosco, mas não estavam inteiramente lá: eu ainda era pequena quando ambas atingiram a plena incapacidade própria das suas idades avançadas. As outras *babuchkas* faziam *pirochki* e bolos, pulôveres quentes e gorros coloridos de malha, algumas até peúgas – peúgas, a acrobacia aérea do tricô, *vichi pilotach*, dizíamos. Levavam as crianças à escola e às aulas de música, iam buscá-las e de verão tomavam conta dos netos nos jardins das suas *datchas* ou casinhas no campo. As minhas *babuchkas* viviam connosco no sétimo andar, no betão, onde não podiam criar raízes. Tinham ambas nomes de flores e eu, secretamente, pensava que as malvas que cresciam à frente do nosso prédio de catorze andares eram aliadas num complô contra as minhas *babuchkas*, Rosa e Margarita, que tinham regredido para o estado de plantas.

Pareciam já não ter os cinco alqueires bem medidos, embora em russo não se contem alqueires, pergunta-se: Que te falta em casa?, uma pergunta que me fazia medo, se bem que as minhas

*babuchkas* estivessem sempre em casa, provavelmente para minha proteção, apesar disso aquele que te falta, na verdade o *que*, alar-mava-me, como se as outras pessoas soubessem qualquer coisa sobre nós que não me contavam, como se soubessem quem ou o que realmente faltava.

Por vezes, eu pensava que sabia. Dois dos meus avós tinham nascido no século XIX e parecia-me que, no meio dos tumultos da época, se tinha perdido uma geração, eles de facto não estavam lá em casa, os meus amigos tinham até bisavós mais novos que os meus avós, portanto, eu tinha que pagar a fatura por duas gerações e aguentar-me à bronca. Eu era a mais nova numa lista de mais novos. Sempre fui a mais nova.

A sensação de perda entrou sem avisar no meu mundo que era alegre, pairou sobre mim, abriu muito as asas, eu fiquei sem ar e sem luz com que combater uma carência que talvez ainda não existisse. Por vezes vinha como um relâmpago: rápida, como um desmaio, como se de súbito me faltasse o chão debaixo dos pés, tinha falta de ar e agitava os braços para me salvar, para recuperar o equilíbrio, atingida por uma bala que ninguém tinha disparado, ninguém tinha dito mãos no ar.

Esta ginástica existencial da luta pelo equilíbrio parecia-me fazer parte da herança familiar, um reflexo inato. Na escola tínhamos avançado muito no ensino do inglês: *hands up, to the sides, forward, down*. Eu sempre pensara que a palavra *Gymnastic* derivava da palavra *Hymne*, em russo ambas começam por *g*, *gimnastika* e *gimn*, e eu esticava as mãos esforçadamente para cima na tentativa de buscar o invólucro invisível do céu.

Muitos havia que tinham menos parentes do que eu. Havia crianças sem irmãos, sem *babuchka*, sem pais e havia crianças que

se tinham sacrificado pela pátria na guerra, heróis temerários, estas crianças mortas, foram feitas para serem os nossos ídolos, estavam sempre connosco. Nem à noite devíamos esquecer os seus nomes, tinham morrido muitos anos antes de nós nascermos, mas outrora nós não tínhamos. Outrora nenhum, só tínhamos um. Agora no qual as baixas da guerra haviam de constituir uma reserva inesgotável para a nossa própria felicidade, pois só estávamos vivos, era o que nos diziam, porque eles tinham morrido por nós e nós devíamos estar-lhes para sempre gratos pela nossa pacífica normalidade e por tudo o mais. Não cresci em tempos canibais, mas vegetarianos, como disse Akhmatova, e então todos nós compilámos as baixas dessa guerra há muito passada, essa guerra sem artigo nem adjetivo, dizíamos só guerra, aliás, em russo não há artigo, e não dizíamos qual porque pensávamos que só havia uma, erradamente, considerando que no tempo da nossa infância feliz já o nosso Estado travava outra a sul, no estrangeiro, pela nossa segurança, era o que nos diziam, e pela liberdade alheia, uma guerra de que, apesar das baixas diárias, não nos apercebíamos, e eu também só me apercebi quando, há dez anos, vi do nosso prédio alto o caixão de zinco que continha os restos mortais de um vizinho de dezanove anos, um rapaz de quem já então não conseguia lembrar-me, mas de cuja mãe me lembro ainda hoje.

Eu não tinha motivos para sofrer. No entanto, desde cedo sofri, embora feliz e amada, rodeada de amigos, sofria penosamente, estava sempre a sofrer de uma solidão por vezes de uma agudez cortante, por vezes de um amargor absíntrico, e pensava que só podia ser por me faltar qualquer coisa. O sonho voluptuoso de uma grande família a uma mesa comprida perseguia-me com a constância de um ritual.